

E&N

ECONOMIA & NEGÓCIOS

DIA DAS MÃES
DESIGN, ERGONOMIA E AFETO

Compre a cadeira AERON e receba R\$1.000,00* em voucher para compras na **NOVO AMBIENTE**

PRONTA ENTREGA > GARANTIA 12 ANOS

NOVO AMBIENTE

*Vide regulamento no site novoambiente.com/loja
Atendimento WhatsApp (11) 3230 4067 | Telefone (11) 3062 3351
showroomvendas@novoambiente.com.br | @novoambiente
Al. Gabriel Monteiro da Silva, 683

Comércio exterior. Se alcançado, resultado deste ano será 30% superior ao de 2017, último recorde; retomada da China e dos Estados Unidos deve continuar ampliando as vendas de soja e minério de ferro. Em abril, foi registrado saldo comercial positivo de US\$ 10,3 bi

Com alta nas exportações, superávit pode ir até a US\$ 73 bi, novo recorde

Luciana Dyniewicz
Lorena Rodrigues | BRASÍLIA

Com a demanda por produtos como soja e minério de ferro em alta, principalmente na China, e o reaquecimento da economia dos Estados Unidos, as exportações brasileiras devem dar um salto neste ano e a balança comercial registrar um saldo positivo recorde. Bancos e consultorias estimam que o superávit poderá chegar a US\$ 73 bilhões. Se alcançado, o número será 30% maior que o de 2017, quando o País bateu seu último recorde, com US\$ 56 bilhões. Na comparação com o ano passado, a alta do saldo seria de 46%.

O Relatório Focus, elaborado pelo Banco Central com base em projeções das principais casas de análise econômica do País, indica que, por enquanto, a mediana do mercado para o superávit de 2021 é de US\$ 64 bilhões – ainda assim, um recorde. Ao contrário do que ocorreu em 2017, quando a debilidade das importações garantiram o saldo histórico, desta vez o superávit será impulsionado pelo aumento das exportações.

Além de os principais parceiros comerciais do País – China e EUA – estarem se recuperando rapidamente da crise da Covid-19, há uma retomada do comércio internacional que deve favorecer as exportações brasileiras. A Organização Mundial do Comércio estima crescimento de 8% para este ano, após um tombo de 5,3% em 2020.

A consultoria LCA é uma das mais otimistas com o saldo comercial brasileiro, projetando US\$ 73 bilhões para 2021. A estimativa foi feita no começo de abril, mas já há um viés de alta, segundo a economista Ana Luisa Mello. Quando o ano come-



Melhora global. Além da retomada da China e dos EUA, há recuperação do comércio mundial, o que favorece exportações

● Salto
US\$ 26,5 bi
foi a soma dos bens vendidos para o exterior em abril, uma alta de 50,5% na comparação com o mesmo mês do ano passado

çou, explica ela, era esperado um superávit significativo porque os preços das commodities vinham subindo. Agora, somou-se a isso uma elevação no volume de produtos embarcados. “O crescimento das exportações está acima do que se esperava em janeiro, quando ainda não havia informações sobre o sucesso do processo de vacina-

ção nos EUA”, diz Ana Luisa.

A consultoria Tendências vinha prevendo um superávit de US\$ 53,8 bilhões para o ano, mas vai revisar o número ainda nesta semana. “Acho que dá para pensar entre US\$ 60 bilhões e US\$ 70 bilhões”, diz o economista Silvio Campos Neto.

De acordo com Campos Neto, ainda que o minério de ferro seja o produto que concentra a maior elevação no preço – a tonelada passou de US\$ 67,6 em abril de 2020 para US\$ 129,8 em abril de 2021 –, essa alta está disseminada e favorece também produtos como soja e celulose.

A economista Lia Valls, pesquisadora do Instituto Brasileiro de Economia, da FGV, afirma

que até manufaturados (como têxteis e calçados) devem começar a registrar maiores embarques, puxados pela desvalorização do real. “Como o mercado interno está mais encolhido, as indústrias acabam se voltando para o setor externo.”

O Itaú Unibanco estima superávit de US\$ 72 bilhões para este ano. A economista do banco Júlia Gottlieb destaca que a alta nas commodities registrada no começo do ano está chegando agora aos preços praticados. Por isso, os resultados recentes da balança comercial foram mais positivos.

As exportações brasileiras bateram recorde em abril, quando a venda de bens para o exterior

somou US\$ 26,5 bilhões, uma alta de 50,5% na comparação com abril de 2020. Foi o maior valor para todos os meses da série histórica, que tem início em janeiro de 1997.

As importações também aumentaram, com as empresas brasileiras comprando mais insumos, e chegaram a US\$ 16,1 bilhões, um avanço de 46,8%. Ainda assim, o saldo comercial bateu recorde, alcançando US\$ 10,3 bilhões. “O boom de commodities internacionais tem ajudado o Brasil e as compras chinesas também ajudam, porque a China tem formado estoques de matérias-primas”, afirmou o economista-chefe da Infinity Asset, Jason Vieira.

Como ponderação, ele lembra que o crescimento expressivo, tanto das exportações como das importações, se deu sobre uma base de comparação bastante fraca, já que abril de 2020 foi o auge do impacto da pandemia na economia brasileira.

As exportações do mês passado foram impulsionadas pela soja, com 17 milhões de toneladas, o maior montante já vendido em um mês. O produto respondeu por 27,1% de todos os embarques de abril. “Há demanda mundial aquecida por produtos brasileiros no contexto de recuperação econômica em países como China, da União Europeia e EUA”, disse o diretor do subsecretário de Inteligência e Estatística de Comércio Exterior do Ministério da Economia, Herlon Brandão.

Impacto. Apesar de serem consideradas positivas por trazerem receita ao País, as exportações recordes não serão suficientes para impulsionar a economia do País. Isso porque elas têm uma participação pequena no PIB. “O PIB pode até ser beneficiado pelas exportações, mas elas não conseguem alavancar o crescimento sozinhas”, diz Lia Valls. Campos Neto, da Tendências, lembra que a participação do comércio exterior no PIB poderá crescer de 12% para 15% neste ano, mas o movimento ocorrerá em grande parte por causa da desvalorização do real. Como o PIB é mensurado em dólar, as atividades internas pagas em real acabam perdendo representatividade. / COLABOROU EDUARDO LAGUNA



WASHINGTON COSTA/MINISTÉRIO DA ECONOMIA - 2/3/2020

“Há demanda mundial aquecida por produtos brasileiros no contexto de recuperação.”

Herlon Brandão, subsecretário de Inteligência e Estatística de Comércio Exterior

Com 2ª onda da covid, vendas de carros têm queda de 7,5% em abril

Foram licenciados 175,1 mil veículos no mês passado, marcado por novas restrições à abertura de lojas

Eduardo Laguna
Cleide Silva

As vendas de veículos novos no País caíram 7,5% na passagem de março para abril, período marcado por restrições no funcionamento das concessionárias em alguns dos maiores mercados do País em razão da segunda onda da pandemia. No total, 175,1 mil veículos foram licenciados no mês passado, entre carros de passeio, comerciais leves, caminhões e ônibus. Na comparação com abril de

2020, quando o mercado foi reduzido a menos de 56 mil veículos em meio à paralisação das atividades das montadoras, as vendas do mês passado mais do que triplicaram (alta de 214%).

As concessionárias iniciaram abril com portas fechadas em Estados como São Paulo, o maior mercado do Brasil, em razão do agravamento da pandemia. Na segunda quinzena do mês, as lojas foram reabertas, mas em horário restrito a oito horas por dia.

As vendas também seguem comprometidas pela falta de alguns modelos no mercado, e fila de espera nas locadoras, um dos maiores consumidores de automóveis, em decorrência da irregularidade no abastecimento de peças nas linhas de montagem. O risco de contaminação,



Mercado. A falta de alguns modelos no mercado ajudou a derrubar as vendas de veículos

dada a piora da crise sanitária, também motivou paradas de linhas na maioria das montadoras entre o fim de março e começo de abril.

Frente à base de comparação fraca de igual período de 2020, o mercado mostra desempenho positivo no acumulado do quadrimestre. As vendas estão 14,5% acima do volume de igual

período do ano passado, com 703 mil unidades vendidas.

Só o segmento de automóveis e comerciais leves cresceu 13,3% no ano, somando 663,9 mil unidades. No ranking de marcas, a Fiat se mantém na liderança, com 20,9% das vendas, seguida por Volkswagen (17,3%) e General Motors (14,4%).

Líder nos últimos anos, a GM

tem visto sua fatia de mercado despencar porque mantém a fábrica de Gravataí (RS) – onde o Onix é produzido – fechada desde março, por falta de componentes, especialmente de semicondutores, problema que tem afetado a produção mundial de automóveis.

A unidade da GM de São José dos Campos (SP), que estava

operando com metade da capacidade, voltou ao normal em meados do mês passado. A unidade produz a picape S10 e o utilitário Trailblazer.

Os preferidos. Na disputa entre modelos, a picape Strada, da Fiat, segue como o veículo mais vendido do País, com 41,4 mil unidades acumuladas no período de janeiro a abril. No segundo lugar da lista está o Chevrolet Onix (35,1 mil unidades), seguido por Hyundai HB20 (30,5 mil), Jeep Renegade (25,7 mil) e Volkswagen Gol (25,4 mil).

Os números obtidos no mercado são preliminares e sujeitos a leves ajustes em relação aos dados oficiais a serem divulgados hoje pela Fenabrave (entidade que representa as concessionárias), e na sexta-feira pela Anfavea (associação das montadoras).

A Anfavea iniciou 2021 com previsão de crescimento de 15% no mercado total de veículos neste ano, mas, se a situação sanitária do País e a falta de componentes se prolongarem é possível que o número seja revisado ao longo do ano.